

p. 26

Flávio Brayner

*"Flávio Brayner, **professor Emérito da UFPE**"*

Uma modesta (e ateia) oração!

Seja como for, todos os massacres dos inocentes, todas as guerras religiosas, todas as cruzadas contra os “infiéis”, todos os campos de extermínio, o genocídio dos Yanomâmis, todas as Inquisições... foram cometidos por quem acredita Nele

FLÁVIO BRAYNER

Um leitor de meus artigos do JC me escreve fazendo-me gentilmente uma pergunta que, há alguns anos, um aluno me fez e que, com minha resposta, abandonou meu curso (!) (relatei o caso em artigo intitulado “A prova estética”): “Você acredita em Deus?”.

Não, meu caro, não acredito Nele e acho que Ele também não acredita em mim! E penso que Ele tem toda razão: não disponho de reservas de “credibilidade”, nunca detive a verdade e espero, em minhas buscas, nunca encontrá-la (posuí-la é o maior perigo que conheço). A ideia de que “Ele existe” (ou não) é, a meu ver, inadequada, porque supomos o conceito de “existência” como algo empiricamente aferível, objetivamente verificável (a representação que fazemos de um velhinho de longas barbas brancas, cajado e

alva túnica). Nesse caso, a mesma coisa eu diria do Belo, da Justiça, da Liberdade... coisas que nunca “vi”, nunca as “toquei”, nunca “discuti” com elas: elas são apenas “idéias reguladoras” que me permitem saber se as ações (estas reais e que atingem outras pessoas e que têm consequências) estão mais perto ou mais longe de sua plena realização: uma idéia reguladora (Kant) é o que faz a diferença entre ter uma lanterna na popa do barco e a luz de um farol em terra: no primeiro caso eu não chegarei em lugar algum, no segundo eu sou conduzido à terra firme e ao convívio dos homens (que não sei também se é um lugar muito adequado para se estar!).

Li certa vez, num relato de Primo Levi, a história de uma criança judia que estava sendo torturada por médicos nazistas diante de seus pais e de outros adultos, quando alguém per-



Tragédia do povo indígena Yanomami: onde está Ele aqui?

gunta baixinho a seu vizinho: “- Onde está seu Deus que não vê isso?”, ao quê o vizinho responde “- Deus É esta criança!”. Deus então é uma idéia, idéia que deveria metafisicamente nos orientar numa vida ética, aquela vida em que definimos normas (ética normativa) para nos conduzirmos na vida prática (ética factual): diz respeito à nossa relação com outros e o que devemos fazer de nós mesmos.

Houve uma época em que essas NORMAS vinham do Alto, lá do Monte Sinai, e eram essencialmente proibitivas, definindo o quê não deveríamos fazer (Decálogo) de acordo com a vontade de Deus, esperando que fôssemos obedientes e servis. Muito mais tarde a origem das normas se desloca do Alto para “dentro” de cada um de nós: como um tribunal interior dispondo de regras gerais e imperativas que dizem como devemos agir de acordo com a razão, esperando com isso que sejamos autônomos e livres. Ora, nem Deus seria teoricamente LIVRE para criar o que Lhe desse na cabeça! Mesmo o “incau-

sado” (“Eu sou o que sou!”) não se basta a si mesmo, precisa de um Outro que o adore, o tema, o louve! ELE NÃO ERA LIVRE PARA NÃO CRIAR O HOMEM, e fazê-lo à “sua imagem e semelhança”, o que não significa “igual” a Ele, “parecido” com Ele, mas um ser de “CONSCIÊNCIA”. Era preciso que um homem “consciente” existisse para dizer “- Deus há!”, sem o quê Ele permaneceria uma entidade solipsista, solitária, apenas consciência-de-si: a condição de Sua existência para um Outro era a exigência primeira para que Ele pudesse ser amado ou temido (modelo ético) e orientasse a vida (dos que Nele acreditam) a partir de certas regras (hoje profundamente adulteradas e enfraquecidas, diga-se!). Aliás, a pergunta (agostiniana) “Se Deus é infinitamente Bom, por que existe o Mal no Mundo?” (“resolvida” com a noção de Livre Arbítrio), tal pergunta, repetido, também não me parece adequada: Deus, como disse, é apenas uma idéia reguladora que, como um farol, deveria nos orientar,^{2/3} mas nunca impediria de ficarmos à deriva.

Seja como for, todos os massacres dos inocentes, todas as guerras religiosas, todas as cruzadas contra os “infiéis”, todos os campos de extermínio, o genocídio dos Yanomâmis, todas as Inquisições... foram cometidos por quem acredita Nele. Eu termino com o mesmo caro e gentil leitor, lembrando Elie Wiesel, Nobel da Paz, cujo discurso no seu discurso de abertura da 48ª sessão da Assembleia Geral da ONU em 1963 foi retransmitido em público (1995). Deus realmente generoso, eu acho, mas que não tenha misericórdia, planejou e tentou o genocídio dos irmãos Yanomâmis, tentou destruí-los, produziu fome, 800.000 mortes, a desesperança, o desespero, enfraquecimento nacional e perda de consciência entre nós, misericórdia.

Eis minha proposta, caro leitor, uma forma de uma ateia oração! (Para Edina e João Carlos Alêssio)

Flávio Brayner, Professor Emérito da UFPA

